

CIDADE ESPETÁCULO OU ESPETACULAR. QUATRO SÉCULOS EM DESFILE

Juliana Rodrigues.*

Resumo: *A proposta deste trabalho visa à análise do Cortejo Comemorativo do IV Centenário da Cidade do Salvador a partir das fotografias, fonte histórica não explorada devidamente pelos historiadores, não dispensando as demais fontes. Aborda uma discussão da construção – como foi composto o Cortejo, e conceito – discutindo opções que melhor conceituaria a festa em Comemoração ao IV Centenário da Cidade do Salvador, observando a tradição em festejar, as ausências e a intenção das presenças dos personagens históricos ali representados.*

Palavras-chave: Festa; Parada; Desfile; Cortejo e Salvador.

A partir dos antepassados mais remotos, os registros demonstram a necessidade que o homem tem de festejar. As festas podiam ser de caráter religioso, ou profano¹. Ambas tiveram seu espaço e papel na sociedade. Festejava-se a produção agrícola com um culto à Deusa Afrodite que, com a expansão do catolicismo, foi substituída pelas festividades do Mês de Maria; ou, às “Entradas” (PRIORE, 1994, p.22), que eram recepções preparadas para receber as autoridades que vinham do além-mar.

Os colonizadores do Brasil celebravam na metrópole, algumas datas com muita solenidade: Corpo de Deus em Lisboa, Santo Espírito de Alenquer, Ladainhas de Coimbra, Trindade de Évora, Ressurreição de Beja e Ramos – algumas das festas lusas que tornaram-se famosas. Herdamos esse hábito celebrativo do divino/profano/cívico do colonizador como meio de desopilação e ao mesmo como uma forma de existir enquanto sociedade. Com ele foram introduzidas tradições de forma intra-familiar. Desde os primórdios da convivência dos portugueses em “Terras do Brasil”, pode-se exemplificar como festividade as chamadas *entradas*, como quando o Governador Geral Thomé de Souza recepcionou os primeiros Jesuítas, com um cortejo adicional, a procissão do Corpo de Deus.

Mesmo em menor proporção, muitas das festas conseguiram se manter até a atualidade; em Salvador pode-se acompanhar a celebração da Festa de Reis, no bairro da Lapinha/Soledade, que por iniciativa de alguns moradores, tem podido resistir à modernidade mantendo a tradição deste festejo. Além desta, pode-se citar a Festa de Nosso Senhor do Bonfim, que passou por diversas transformações, e mantém-se no calendário baiano como uma das mais concorridas.

Como mais um exemplo de festa popular, e de comemoração cívica, pode-se identificar: o Sete de Setembro, dia em que os brasileiros celebram a separação do Brasil de Portugal, e no caso dos baianos, o Dois de Julho, quando eles festejam a Independência da Bahia, ou seja, a expulsão das tropas portuguesas de Salvador sob o comando de Inácio Luis Madeira de Melo, ou ainda, as comemorações referentes ao aniversário de fundação de Salvador, a primeira Capital do Brasil. No caso específico da nossa análise, há elementos religiosos no cortejo em decorrência da própria função Estado-Igreja.

A festa é também um espaço de reivindicações e/ou para expressar frustrações, em que ganhadores e perdedores se misturam, permitindo expressar suas emoções. Não significa só lazer. A festa permite introduzir valores e normas na vida cotidiana, partilhar sentimentos, pensamentos e conhecimento de forma coletiva popular/comunitário/familiar.

* Graduada pela Universidade Católica do Salvador, Bacharel em História.

¹ O professor Ordep Serra, em seu texto intitulado “O Sagrado e o Profano nas Festas de Largo da Bahia”, chama atenção para o uso da palavra profano em oposição ao religioso.

Para compreender melhor a festa, é necessário que se interligue todas as manifestações nela contidas, formas, cores e sons. Busca-se entender e analisar as funções políticas, sociais, culturais e religiosas; notar os excessos e as ausências, que a festa transmite.

A começar do período colonial, as festas cívicas, religiosas e profanas estavam atreladas aos órgãos públicos, à Igreja Católica, sendo o catolicismo a religião oficial do Estado Português, que incentivava a participação da população em suas inúmeras comemorações litúrgicas. Todas as ‘camadas’ sociais se viam envolvidas nas festas. Os órgãos públicos das Capitânias (Casas de Câmara e Cadeia), citando o exemplo do período colonial, aprovavam a realização das celebrações religiosas, e as financiavam quando não havia patrocínio (PRIORE, 1994, p.14). Geralmente havia instituições que financiavam as festas - vide as Irmandade e/ou Confrarias Católicas, que acordavam com as demais Ordens Religiosas as cotas necessárias para a realização das mesmas. Contudo, as Casas de Câmara das Vilas e cidades coloniais sempre se faziam presentes, também como financiadoras, incentivadoras e co-organizadoras. Aí verifica-se a presença do Poder do Estado, normatizando, controlando e inculcando valores sociais.

As procissões, paradas, desfiles e cortejos, bem como as comemorações familiares, vistos desta forma, se tornam um vasto campo de investigação, onde historiadores e pesquisadores podem estudar as mais diversas nuances da vida social (PRIORE, 1994, p.10). Segundo Priore (1994, p.11), “no entanto, as descrições nos documentos históricos não elucidam necessariamente as funções embutidas na festa”.

Como estudar festa sem o material imagético? Como podemos demonstrar a estrutura utilizada sem a imagem “real” da festa? Somente com descrição textual não seria possível. O leitor poderia extrapolar ou minimizar os atos/fatos no entendimento de um acontecimento histórico-popular, em trabalho que tenha como propósito recuperar a memória e a cultura social, ‘respondendo a uma necessidade e preenchendo uma função’, diz Levi-Strauss (*apud* PRIORE, 1994, p.11).

“Toda fotografia é um resíduo do passado. Se, por um lado, ela nos oferece indícios que nos permitem o levantamento e a análise dos vários elementos que lhe dera origem em determinado espaço e tempo num dado momento histórico, por outro lado, sua imagem, segundo valores que enfatiza, constitui-se sempre no ponto de partida de um processo gerador de inúmeras possibilidades de interpretações e aplicações em áreas específicas das Ciências e das Artes.”²

Reconhece-se que, mesmo utilizando diversos tipos de material como fonte, os historiadores ficavam até as décadas de 60 e 70, do século XX, muito mais a vontade com os documentos escritos, o que os levava a apresentarem os trabalhos fracamente ilustrados. É importante salientar que, até meados do Século XIX, o uso da fotografia no Brasil era inexistente, fazendo com que o historiador utilizasse para a ilustração dos seus trabalhos apenas desenhos de época, o que contribuiu também para a raridade iconográfica nos textos.

As fontes empregadas pela historiografia mais recente são bem mais diversificadas e procedem de diferentes origens. Os historiadores atualmente utilizam não só a documentação político-administrativa, como também a documentação jurídica, demográfica, econômica, correspondências, jornais, fontes iconográficas, depoimentos orais, dentre outros procedentes de arquivos privados ou públicos.

Leva-se sempre em consideração que qualquer fonte utilizada pelo pesquisador/historiador estará sendo sempre uma versão que concorda com os interesses de quem a produziu. Assim também, as fontes iconográficas utilizando qualquer técnica: desenho, fotografia, xilografia, etc, podem sofrer tal interferência. O produtor da iconografia faz também o

² KOSSOY, 1980, p.13.

seu recorte na linha tempo-espaco-tema. E o pesquisador deve estar atento, assim como nas fontes escritas, no trato com essa informação.

Apesar de todos os estudos e avanços na área de produção historiográfica, as fontes escritas são ainda as mais utilizadas, o que resulta, às vezes, em textos mal servidos de material iconográfico. Em determinadas temáticas, no entanto, o material iconográfico nos parece imprescindível. Nos trabalhos ou estudos sobre festas, por exemplo, o material imagético é parte indispensável.

No Quarto Centenário da Cidade do Salvador, em 1949, ocorreu uma grande festa cívica que procurou demonstrar o processo de desenvolvimento sócio-cultural da cidade do Salvador desde a sua fundação até os dias da comemoração dos seus quatrocentos anos. Tal festa contou com a realização de um monumental cortejo pelas principais ruas do centro da cidade. Pretendia-se dar com isso uma grandiosa aula pública de História, contando com o recurso das técnicas teatrais.

Escolheu-se como tema o Cortejo do IV Centenário da Cidade do Salvador, com o objetivo de analisar o significado e valores que foram passados à sociedade através desse cortejo festivo.

Neste primeiro momento, me apóio em alguns autores como Mary Ryan e Robert Darnton para discutir conceitos. Através dessa discussão procuramos identificar aqueles que em seus trabalhos apresentam conceituações que mais se aproximam do que foram as festividades do IV Centenário, que ocorreu em Salvador. Entendemos que essa representação pode ser denominada de várias formas: *cortejo*, *desfile* e *parada*. Embora cada termo apresente suas características, cada um possui também características que convergem para o que foi o festejo do IV Centenário. Utilizar termos já consagrados na historiografia foi a minha primeira decisão, e para onde minhas atenções direcionam-se, primeiramente. No entanto, discutir os conceitos relativos às festividades cívicas nos parece ser o primeiro passo no estudo que propomos.

O termo *parada*, segundo Mary Ryan (1992, p. 208), é característico de solenidade cívica – identificado o termo, primeiramente nos Estados Unidos da América no século XIX. Na parada há uma participação de grande parte da população desde a elaboração até a apresentação nas ruas. Cada grupo social apresenta-se e representa-se em estrutura teatral. A *parada* era composta de unidades de marcha, cada uma representando uma identidade preestabelecida, levando símbolos que os identificavam dentro da economia urbana. A parada servia como um retrato pormenorizado e descritivo da estrutura social representada.

Sua organização tinha a participação do governo, dos civis e de “instituições” - como grupos sociais que queriam afirmar-se como ‘classe’. Seus participantes estavam envolvidos na “criação de uma cultura urbana” (RYAN, 1992, p.208)³, e não eram somente agentes da ‘ordem social’.

As *paradas* constituem a atividade central nos feriados locais. Elas conseguiam o comparecimento em massa da população para vê-las passar nas ruas. Com seu trajeto que mudava periodicamente, traziam consigo conseqüências como: investimento em ornamentação e, em decorrência, uma maior rentabilidade do comércio. Elas buscavam apresentar sempre elementos ilustrativos sobre o processo histórico.

Já o termo *desfile*, discutido por Robert Darnton, era utilizado para identificar festas públicas organizadas em dias religiosos, ou em períodos de seca ou fartura. Era a exposição da ‘elite social’ – Clero/Nobreza – Nobreza/Burguesia. A maior parte da população, ou seja, integrantes do Terceiro Estado, estavam fora dos desfiles. Isso quer dizer que este não se fazia representar e não se identificava em momento algum na representação - a não ser pela própria

³ RYAN, Mary. A parada norte-americana. IN: HUNT, Linn. (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

falta de representatividade. O que “não estimulava grandes fãs, diferentemente nem incentivava o comércio; expressava a ordem corporativa de uma sociedade” (DARNTON, 1986, p.157).

Em sua representação teatral, o *desfile* não seguia uma ordem hierárquica social linear. Segundo Darnton (1986, p.156), “terminava num ponto relativamente alto da hierarquia dos funcionários locais”. A sua trajetória não variava, tinha um objetivo geralmente religioso, o que determinava seu término quase sempre em uma capela, busto, igreja ou praça importante da cidade, objeto da comemoração.

Considera-se mais adequado para o estudo de caso aqui proposto, o conceito de *cortejo* encontrado no Dicionário Etimológico, Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa (1928, p.365), cuja definição é: “cortejo_s. m. acto de cortejar; cumprimentos solenes; séquito; comitiva pomposa; procissão; accessório. (De cortejar)”.

A comemoração do IV Centenário converge parcialmente com tal conceito, pois, foi uma comitiva pomposa para prestar os cumprimentos solenes pelo ‘aniversário’ da Cidade, entre outras coisas. Um *cortejo* à Cidade do Salvador em seu quatrocentésimo aniversário.

Contudo, há uma convergência entre os termos e autores, quando ambos afirmam que estas formas de representação constituem um método cerimonial de forjar e afirmar as estruturas da identidade, de maneira a demonstrar o ideal social, mostrar a sociedade da forma que ela quer ser vista, ou como as autoridades queriam apresentá-la, como faziam os gregos da antiguidade. Situação na qual, quem quer que observe as festividades, poderia verificar a representação de conceitos sociais, evidências, fatos históricos, dignos de estudo.

Analisando cada um desses autores e conceitos, pude constatar que no *Cortejo Comemorativo* - forma como as fontes se referem ao evento, temos características que o enquadraria em quaisquer dos termos; entretanto, a adequação não é total em virtude de sempre haver uma ou mais características que lhe escapam. Optou-se também aqui pelo termo *Cortejo*, pois é assim que as fontes se referem à Comemoração do IV Centenário.

O *Cortejo Comemorativo* do IV Centenário de Fundação da Cidade do Salvador apresentou-se fragmentado em quatro sessões, correspondendo cada uma a um século de história. Cada um deles exibiu seus personagens históricos, acontecimentos importantes e a forma como se estratificava a sociedade e suas relações de poder, de maneira que cada espectador pudesse facilmente identificar quadros e personagens, pois cada personagem estava devidamente vestida com trajes a rigor, para fácil compreensão dos fatos históricos. Aproximava-se muito dos desfiles na França do século XVII, que ornava seus participantes com as músicas, cores, tecidos e pedrarias, de forma que a população pudesse identificar cada Ordem Religiosa, representante de classe nobre, ou popular, ou mesmo das paradas Norte-Americanas do século XIX, que traziam seus representantes sociais devidamente trajados com roupas de trabalho para identificar a ‘classe social’, profissional, religiosa, popular, etc., às quais pertenciam.

O encargo da organização do *Cortejo Comemorativo Baiano* foi responsabilidade de uma comissão composta dos setores da sociedade, governo, prefeitura e membros da sociedade civil, escolhidos para desenvolver as atividades, assim como nos E.U.A. no século XIX. Participaram desse *Cortejo*, 900 figurantes, número bastante elevado para a cidade do Salvador na época, o que impressionou a população.

As ruas da Cidade do Salvador foram enfeitadas, e receberam um grande volume de pessoas, que espalhadas ao longo do trajeto, assistiram à passagem do *Cortejo*. O sentido foi corredor da Vitória → Praça da Sé, percurso previamente determinado pela comissão organizadora.

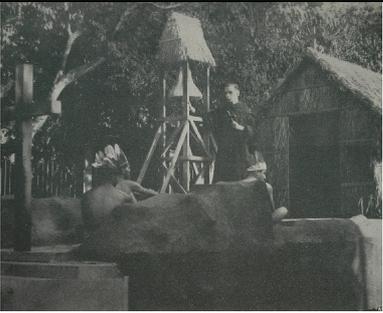
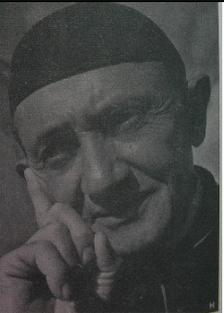
Já a partir do início o festejo demonstrou sentido em sua estruturação histórico/informativa, pois se tratando de uma representação que buscava contar a História da Bahia e do Brasil, o que o aproxima dos desfiles e cortejos, e o distancia das paradas.

No *Cortejo Comemorativo* do IV Centenário da Cidade do Salvador, observa-se a representação de várias figuras e símbolos. Dentre eles encontra-se a figura feminina (figuras

1,2,3,4)⁴ para traduzir caridade, benevolência, união, beleza, perfeição. Esses adjetivos presentes como características do povo baiano e brasileiro aparecem no cortejo - em sua representação.

			
<p>Ilustração 1. Representação de D. Francisca Sande⁵. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.33.</p>	<p>Ilustração 2. Imagem de Vitória da Encarnação, imagem de mulher e valores de Igreja Católica. Fonte: Fundação Clemente Mariani (fotografia não catalogada).</p>	<p>Ilustração 3. Ana Nery, participação da mulher na Guerra. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.56.</p>	<p>Ilustração 4. Foto de uma mulher, que representa a Bahia jovem. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.72.</p>

Ressaltam-se, também, as forças armadas garantindo a soberania bélica e os representantes do poder ligado ao Estado, à Igreja Católica ou à parte da sociedade (elite), demonstrando uma civilidade e solidez nas estruturas sociais e governamentais.

		
<p>Ilustração 5. Carro em homenagem a catequese, aos jesuítas, Padre Manoel da Nóbrega. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.28.</p>	<p>Ilustração 6. Padre Antonio Vieira. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.32.</p>	<p>Ilustração 7. Dom Marcos Teixeira. Fonte: Quatro Séculos, s.d., p. 31.</p>

O elemento religioso (figura 5,6 e 7) sempre presente, onde são denotados adjetivos de amplitude, que trespassa as questões de orientação religiosa e alcança a moral, a conduta, a educação social, onde a ideologia é parceira também dos representantes do governo, ensinando o 'povo' a ser clemente e subserviente, aceitando sua condição social sem questionamentos. Mostrando, ao mesmo, que a realidade ainda está associada à punição. É o que se observa, por exemplo, no quadro que representa a Conjuração Baiana de 1798.

Não se deseja de maneira alguma cobrar dos organizadores do Cortejo toda a História do Brasil em desfile, no entanto parece sintomático que episódios baianos como a Guerra de Canudos, por exemplo, esteja ausente. A quem não interessou? Aos organizadores? À elite? À Igreja? Aos governantes?

⁴ Márcia Leite (2005, p.39 à 117 caracteriza com exatidão as práticas culturais e perfis femininos, demonstrando os diversos perfis entre 1870 – 1920.

⁵ Dona Francisca Sande, senhora de muitas posses, cedeu um de seus solares, no surto de febre amarela, para que fosse transformado em abrigo para se cuidar dos enfermos menos favorecidos.

No tocante a evolução tecnológica (figura 8, 9, 10 e 11), se observa que ela está sempre acompanhada a um outro elemento, a elite social, afirmando que a tecnologia foi criada para ‘os bem nascidos’ – a exemplo das fotografias onde aparecem as cadeiras de arruar ou serpentina, e conseqüentemente o primeiro automóvel ‘com explosão’, onde se apresentam as damas da elite, bem trajadas. Em contrapartida, vê-se o povo sempre “a pé”, com chinelas arrastando no chão incomodando as damas da elite com sua “petulância”.



Ilustração 8.

Moça passando em sua cadeira de arruar, a aristocracia na rua.

Fonte: Jornal *A Manhã*, 10 abril 1949, p.03.



Ilustração 9.

Senhoras da aristocracia transitando nas ruas da Salvador novecentista em seu trajeto para as igrejas.

Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.59.



Ilustração 10.

Fotografia da alta tecnologia da época. 1º carro à gasolina da Bahia, e 2º do Brasil.

Fonte: foto gentilmente cedida pela Profª Drª Consuelo Novais Sampaio.



Ilustração 11.

Baianas e o seu modo de vestir petulante.

Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.70

Um dos únicos momentos no cortejo em que se observa a miscigenação é quando o povo é representado. E, um caso muito especial, o de Catarina Paraguaçu (figura 12). O que leva a se pensar que a elite intelectual e socioeconômica é composta somente por brancos, descendentes de portugueses, pois durante a colônia assim o foi, e em uma parte do período monárquico também. Mas existem grandes representantes mestiços no setor social e intelectual: Castro Alves e Ruy Barbosa (figura 13 e 14), que foram homenageados no cortejo, são alguns exemplos. Mas, se acredita que a intenção era justamente a de mostrar uma elite branca e civilizada, dentro dos moldes europeus, governando e influenciando o comportamento social às camadas mestiças e pobres da sociedade.

Em todos os momentos, observam-se aproximações com o termo escolhido para designar a festa de Comemoração do IV Centenário da Cidade do Salvador: *Cortejo*, que significa comitiva solene. Observando-se atentamente a história, esse evento é organizado pelas autoridades locais para homenagear o poder constituído, os vultos históricos considerados relevantes, a sociedade em suas diferentes hierarquias (elite, militares, clero, funcionários públicos) etc.



Ilustração 12.
Diogo Álvares e Catarina Paraguaçu, casal que representa a miscigenação brasileira, e ao fundo, os nativos da terra, os índios.
Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.27.

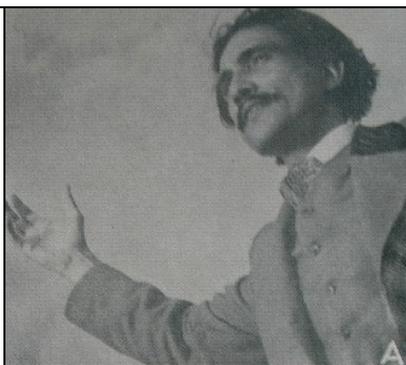


Ilustração 13.
Castro Alves, o poeta abolicionista.
Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.57

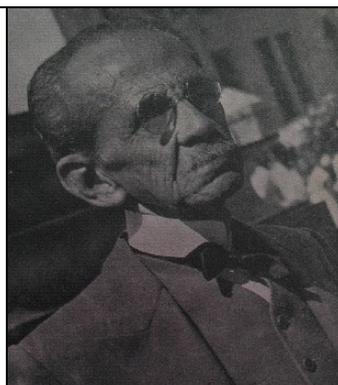


Ilustração 14.
Ruy Barbosa, o advogado incansável.
Fonte: Quatro Séculos, s.d., p.58.

A intenção de controle do governo (figura 15) está explícita no cortejo e pode ser observada em todos os blocos. Quando, no cortejo, há referência às mulheres e à conduta das mesmas, elas representam a sociedade civilizada; e no momento em que o cortejo representa as forças armadas, fica evidente o poder bélico para manutenção da ordem.

Nas fotografias referentes ao desfile, vê-se na arquibancada a elite bem vestida e cheirosa, esperando pela passagem do cortejo, e nos demais espaços da Cidade, nas calçadas, o povo. Em quase todas as fotografias pode-se observar a participação do povo, onde ele se coloca para ver o cortejo. Trajados com suas melhores vestimentas (figura 16), certamente observam e se orgulham da história que retrata os quatro séculos de seu país e do Estado, talvez sem perceber o poder ideológico que aquela representação contém, e que ele, o povo, está sendo submetido e participando como espectador. Se acredita que, ao término do cortejo, todos estejam se sentindo orgulhosos por fazerem parte do Estado, que obteve o papel principal na independência e na construção do Brasil. Fatos representados, maquiados e manipulados na apresentação do Cortejo, em uma Cidade espetacular em seu espetáculo.



Ilustração 15.
Da esquerda para a direita:
General Juarez Távora, o Prefeito da Cidade do Salvador,
Wanderley de Pinho, e o Governador da Bahia, Otávio
Mangabeira.
Fonte: Quatro Séculos, s.d., p. 64.



Ilustração 16.
Foto panorâmica de toda a arquibancada onde estavam as principais
autoridades, também militares do Estado.
Fonte: Quatro Séculos, s.d., p. 64.

REFERÊNCIAS

Documentos ICONOGRÁFICOS

1. Fundação Clemente Mariani

Acervo fotográfico, sem catalogação.

2. Acervo pessoal da Prof^a. Dr^a. Consuelo Novais Sampaio.

- Fotografia do primeiro carro a gasolina.

3. Acervo do IRDEB

- SALVADOR em película – Um Século de Memória. Série: Memória em película. Salvador: Realização Irdeb/TVE, 1999. 1 filme (87 min.), pb., Sistema de gravação: NTSC/BETACAM, 35mm.

- 2 de Julho – A festa da Independência na Bahia. Direção, roteiro e edição: Tuna Espinheira., Produção: Vera Freitas. Narração: Lucy de Moais. Imagens: Itajubá Lobo, Flávio Silva, Edvaldo Queiróz. Salvador: Irdeb, Agosto/97. 1 filme (52 min.), son., color., 35mm.

JORNAIS

Jornal The New York Sun, New York, Nova Iorque, 19 abril 1949. OMrj 1949.04.19. S/D.

Jornal A Tarde. Salvador, jan. a jun. 1949.

Jornal A Manhã. Salvador, jan. a jun. 1949.

Diário Oficial do Estado da Bahia. Salvador, jan. a abril 1949.

Folhetim Quatro Séculos em desfile – A descrição do cortejo. Folhetim Comemorativo do 4º Centenário. Salvador: Empresa Gráfica Limitada, sem data.

REFERÊNCIAS IMPRESSAS

ALBUQUERQUE, Wlamira R. de. *Algazarras nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. São Paulo: UNICAMP, 1999.

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida. & BUENO, Antonio Henrique de Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Árvore da Terra, 2001. 2 v.

BRANDÃO, C. R. *A cultura na rua*. São Paulo: Editora Papyrus, 1989.

BURKE, Peter (org). *A escrita da História - Novas perspectivas*. UNESP. SP. 1992.

CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronald. (org.). *Domínios da História. Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHATIER, R. *A História Cultural - Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

- DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos; e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal. 1986.
- SILVA BASTOS, J. T. da. e PEREIRA, A. M. *Dicionário Etymológico, Prosódico e Orthografico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Editora, 1928.
- DUVINGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- FIGUEIREDO, Luciano. *Rebeliões no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: CEB / EDUFBA, 2002.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. 4ª ed. Lisboa: Raízes, 1990. 2 v.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 237-272.
- GLORIFICAÇÃO DA BAHIA NO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DO SALVADOR E ESTABELECIMENTO DO GOVERNO GERAL. Autoria atribuída a José Wanderley Araújo Pinho. Agenda Cultural do IV Centenário. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1951.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras. 1995.
- HUNT, Linn. (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- KOSSOY, Boris. *A fotografia como fonte histórica. Introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado*. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). *História: Novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.
- LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Entre a tinta e o papel – Memórias de leituras e escritas feministas na Bahia (1870-1920)*. Bahia: Quarteto. 2005.
- MARTINEZ, Socorro Targino. *2 de Julho. A Festa é História*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador / Secretaria de Educação e Cultura / Fundação Gregório de Mattos, 2000.
- MATTOSO, Kátia Maria de Queiróz. *Bahia Século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova: Fronteira, 1992.

PRIORE, Mary del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense. 1994

QUATRO SÉCULOS DE HISTÓRIA DA BAHIA CIDADE DO SALVADOR EM 1949. Álbum Comemorativo do 4º Centenário. Salvador: Revista Fiscal da Bahia, sem data.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n. 75, 1948 – 1949. Todos os artigos deste número.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os Partidos Políticos da Bahia na Primeira República. Uma Política de Acomodação*. Salvador: EDUFBA, 1978.

_____. *Poder e representação – O legislativo na Bahia na segunda República, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa /Assessoria de Comunicação Social, 1992.

_____. *50 Anos de Urbanização – Salvador da Bahia no Século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005

SANTOS, João Marinho dos. A guerra e as guerras na expansão portuguesa: séc. XV e XVI. *Revista de História Econômica e Social*, Lisboa, n. 26, maio-ago, 1989.

SERPA, Ordep. *Rumores defesta: o sagrado e o profano na Bahia*. Salvador: Edufba, 2000.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: UNESP, 2001.

VIANNA, Hildegardes. *Calendário oficial de festas populares da cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1983.

REFERENCIAS ELETRÔNICAS

RODRIGUES, Marcelo dos Santos. *Mulheres Sertanejas na Guerra do Paraguai*. Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC. UEM-PR/ANPHLAC. Maringá, 20 a 30 jul. 2004. www.viencontrodaanphlac.com.br acessado em 25 de mai 2005.